

Mulheres e homens na luta pela terra - algumas reflexões

Maria Elsa Markus²⁰⁴

Resumo

Este artigo tece considerações sobre caminhos teóricos e metodológicos percorridos durante a elaboração de minha tese de doutorado, no período compreendido entre os anos de 1998 a 2002. Passados alguns anos da sua conclusão, ele se apresenta como um espaço salutar a algumas reflexões sobre desafios enfrentados, limites detectados e possibilidades vislumbradas na abordagem nela construída.

Palavras-chaves: Experiência Humana. Migração. Luta pela Terra.

Abstract

This article shows considerations about theory and methodological ways traveled during the elaboration of my Ph. D. theses , at the period of time between the years 1998 to 2002. some years gone after its conclusion, it presents as a salutary space of some reflections about faced challenges, detected limits and foreseen possibilities on the approach built on it.

Keywords: Human Experience. Migration. Fight for Land.

204 Doutora em História pela PUC/SP. Professora e Pesquisadora vinculada ao Departamento de História/ ICHS/CUR/UFMT.

Em minha tese de doutorado, que tem como título *Trabalhadores sem terra: 'Siamo nós que é o Movimento'*, procurei conhecer e compreender experiências vividas por trabalhadores migrantes – mulheres e homens, no estado de Mato Grosso, fazendo-se sujeitos da e na luta pela terra, um processo ainda em construção, pois a luta pela terra, nesse estado, é parte do cotidiano de milhares de trabalhadores.

Nela, abordo o constituir-se desses trabalhadores como migrantes, num processo em que foram tornando-se sem-terra nas migrações vividas, discutindo também o seu envolvimento na preparação da luta pela terra e a organização do MST no estado. Movimento este que já havia sido formado em vários estados do país. Reflito ainda sobre as diferentes formas de luta vivenciadas até conquistarem um pedaço de terra, onde passaram a organizar seus viveres como assentados.

Alguns conceitos foram importantes ao desenvolvimento desse trabalho, entre eles: experiência (E.P. Thompson)²⁰⁵; cultura (Raimond Williams)²⁰⁶; espacialização (Bernardo M. Fernandes)²⁰⁷. Ao usá-los, atentei-me grandemente ao alerta feito por Raimond Williams, de que os conceitos dos quais partimos “não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos [...]”²⁰⁸. Daí, um dos desafios enfrentados na tese - o de dotar-lhes de historicidade, examinando experiências vividas por trabalhadores migrantes.

Fontes diversas foram utilizadas nessa elaboração: fontes orais, artigos de revistas, de jornais, livros, fotografias, mapas, correspondências, cadernos de apontamentos de militantes, músicas, poemas, poesias, documentos institucionais, publicações do MST etc. Todas elas, além das problemáticas que suscitaram, permitiram substancializar o estudo produzido, em particular oferecendo elementos importantes para uma melhor compreensão dos significados das falas dos trabalhadores entrevistados.

Nas narrativas ouvidas, pude perceber que o costume da lida com a terra, uma expressão da tradição herdada do viver familiar na roça, fora significativo na opção dos trabalhadores de se envolverem na luta

205 THOMPSON. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*, p. 182.

206 WILLIAMS. *Marxismo e literatura*, p. 64.

207 FERNANDES. *Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra – formação e territorialização em São Paulo*, p. 236.

208 WILLIAMS. *Marxismo e literatura*, p. 17.

pela sua conquista, desiludidos que estavam com as maneiras que até então haviam experimentado de nela trabalhar, que era, grandemente, o que sabiam fazer.

Contudo, nem todos teriam nela se envolvido se tivessem tido oportunidades diferentes, como o acesso ao trabalho urbano, bastante dificultado pela falta de escolaridade e de qualificação profissional, às quais, por inúmeras razões, alguns deles não puderam se dedicar.

Migrantes, nem todos os trabalhadores chegaram ao estado de Mato Grosso com o sonho de ter um pedaço de terra. Muitos vieram por outros motivos, tais como: acompanhar o cônjuge ou os pais; trabalhar em terras alheias; organizar o MST etc.

Entretanto, a partir das experiências de trabalho que alguns dos trabalhadores entrevistados passaram a ter nesse estado, eles foram dando-se conta de que se quisessem trabalhar com a terra e se não quisessem migrar novamente, precisavam encontrar uma saída aos problemas que viviam, trabalhando como empregados de fazendeiros, como arrendatários, meeiros, bóias-frias etc.

Nesse sentido, para encontrar tal saída, fora necessário construir uma consciência de que a problemática da terra precisava ser enfrentada não mais individualmente, mas junto com outros trabalhadores.

Ao saberem que havia uma possibilidade de conquistar um pedaço de terra, por intermédio do MST – que já se encontrava organizado na maioria dos estados brasileiros e que precisaria, então, ser organizado no estado de Mato Grosso, os trabalhadores assumiram essa tarefa, organizando-o, ao mesmo tempo em que se prepararam para participar da luta pela terra.

Assim, mediados pelo Movimento ao qual deram concretude histórica no estado, preparando-se, nesse processo organizativo, para a luta pela terra, eles conquistaram o seu próprio pedaço de chão, onde passaram a organizar seus viveres.

Enfim, sobre essas e outras experiências é que falam os trabalhadores, numa tese que foi construída por intermédio de uma multiplicidade de vozes.

Ao decidir pela construção e uso de fonte orais, procurei apreender experiências vividas, eu já o fiz sabendo que ao falarem sobre elas, os

trabalhadores iam delas fazendo releituras, criando e recriando uma memória da luta pela terra.

Nas narrativas ouvidas, pude ir percebendo que os trabalhadores não só organizavam e falavam de suas lembranças, mas eles também as avaliavam, ajuizavam-nas e as interpretavam; faziam planos e sonhavam, ultrapassando o passado, rompendo barreiras colocadas pelo presente, antevendo possibilidades futuras.

Por meio da linguagem, falando de suas experiências, os trabalhadores migrantes ouvidos elaboraram uma reflexão e uma consciência possíveis de sua existência, do seu estar no mundo, não como ato de uma subjetividade pessoal, que se define em si mesma e para si, mas que se constrói na relação com outras pessoas. O que permite vê-los não como indivíduos isolados e sim, como sujeitos sociais.

Por intermédio da reflexão e da consciência por eles elaboradas, possibilitaram-me perceber que a luta pela terra não se constrói apenas pelo dinamismo do embate de classes antagônicas, mas que ela passa pela subjetividade dos mesmos, que deixam suas marcas na configuração social, particularmente participando da construção de um caminho que se propõe emancipatório – o MST.

As migrações vividas, o envolvimento na preparação da luta pela terra, as lutas realizadas e a organização dos viveres na terra conquistada, temáticas em torno das quais organizei a tese, fizeram aflorar nos trabalhadores com quem dialoguei nas entrevistas feitas, lembranças variadas. Tudo isso mostrando que a luta pela terra foi experimentada de diferentes maneiras, não se constituindo na memória dos mesmos como um processo linear e homogêneo: cada um a viveu de maneira singular.

Terra e trabalho ganharam centralidade nas lembranças desses trabalhadores migrantes ao falarem de suas experiências.

De origem rural, todos os trabalhadores com quem conversei durante a realização da pesquisa, desenvolveram o costume herdado de suas famílias, da lida com a terra. Todos eles migraram. Entretanto, como eu já assinali anteriormente, nem todos o fizeram particularmente, em virtude de terra ou de trabalho, ainda que esses fatores tenham condicionado as migrações por eles vividas.

Alguns deles migraram várias vezes, de um estado para o outro, ou então dentro de um mesmo estado. Outros experimentaram a migração do campo para a cidade. Houve ainda, entre esses migrantes, quem tenha migrado do campo para o campo.

Terra para o trabalho foi o que parte desses migrantes buscaram na migração. Houve quem foi buscá-la onde viviam familiares; quem deixou seu estado de origem, com informações que davam conta da disponibilidade de terra de fácil acesso em estados para onde se dirigiu.

Nem sempre a migração foi um projeto familiar, decidido conjuntamente pelos membros da família; também, nem sempre foi uma decisão individual. Pude perceber que houve quem migrou para acompanhar a família, uma decisão tomada pelo pai, ou então, para acompanhar o cônjuge, uma decisão tomada pelo marido, ou ainda, quem migrou para contribuir com a construção da luta pela terra.

Portanto, lançar o olhar sobre a migração como experiência vivida dificulta uma abordagem que possa ser reduzida aos condicionantes de ordem essencialmente econômica, pois no tocante àquelas examinadas no estudo que fiz, normas, costumes, valores etc., também as pressionaram, o que torna esse fenômeno muito complexo, não podendo ser reduzido a uma única dimensão.

Por outro lado, vista a migração como uma experiência social, é possível levantar nas trajetórias de vida de quem a vivenciou elementos que constituíram os migrantes como sem terra. Entre eles, as dificuldades enfrentadas nos lugares onde viviam, os tipos de trabalho experimentados e a falta de perspectiva que estes lhes colocavam.

Ao contarem lembranças de experiências vividas como empregados no campo, ou tidas em serviços urbanos, e ao interpretá-las, os migrantes consideraram que as saídas que haviam buscado para solucionar seus problemas, até decidirem participar da luta pela terra, revelaram-se inconsistentes. Fora, então, necessário construir uma alternativa, que lhes possibilitasse a conquista de um pedaço de terra.

Lutar pela terra significou para eles lutarem por possibilidades de realização de projetos diversos, tais como o de assegurar dignidade à família, através de um trabalho autônomo, sustentado por valores como o da liberdade, independência, autonomia; construir modos de vida

que assegurassem condições mais propícias às suas vivências, através da garantia de serviços, bens e equipamentos públicos aos quais têm direito, que permitissem, numa condição diferente, retomar costumes que haviam desenvolvido – o trabalho com a terra estava entre eles.

A consciência de que a terra era um problema que deveria ser enfrentado, os migrantes que já eram militantes do MST possuíam ao chegar no estado de Mato Grosso. Neste, eles puderam partilhá-la com trabalhadores sem-terra, entre os quais havia também outros migrantes. Na inter-relação por eles vivida, prepararam-se, cada um à sua maneira, para a luta pela terra no estado, mais propriamente na região Sul.

A participação no MST dos migrantes sem-terra com quem conversei, que viviam no estado de Mato Grosso quando os militantes nele chegaram, não foi uma escolha que se deu de maneira espontânea. Foi uma opção amadurecida no processo de organização do Movimento e de preparação da luta. Eles podiam também ter escolhido um dos outros grupos que aqui já vinham fazendo a luta pela terra.

No entanto, a escolha recaiu sobre o MST, pela credibilidade que o mesmo lhes foi suscitando, por meio de informações que sobre ele possuíam, mas, particularmente, pelo envolvimento que passaram a ter com os militantes, com quem alguns dos trabalhadores foram construindo uma consciência de que a terra é um bem de todos e que ocupá-la é legítimo, quando se trata de (re)conquistar a dignidade a que todos devem ter o direito assegurado.

No envolvimento desses trabalhadores na organização do Movimento, e neste, na construção da luta, eles se prepararam para a ocupação de uma grande área de terra.

Dos trabalhadores com quem conversei, ocupar a terra fora uma experiência até então, experimentada somente pelos dois militantes. Para os demais, foi uma nova experiência. Mas, após tê-los ouvido atentamente, posso dizer que nem todos ocupariam a terra se tivessem recursos para adquiri-la, ou então se tivessem outras maneiras para poder viver com dignidade. Cada um, com suas próprias necessidades e expectativas, vivenciou de maneira muito peculiar aquele momento.

Os militantes que já possuíam uma vasta experiência na luta pela terra fizeram novos aprendizados. Entre eles, precisaram desenvolver uma

nova maneira organizativa, pois o modelo que haviam incorporado da construção do MST, especialmente no sul do país, não fora adequado para responder aos desafios com os quais se depararam no estado de Mato Grosso.

Os demais trabalhadores se prepararam para a luta, especialmente tendo como referentes, além de suas necessidades, a perspectiva histórica da luta pela terra, da qual falavam os militantes durante a organização do MST, que inscrevia o Movimento no momento atual de sua realização; pela credibilidade que deram aos seus objetivos; seu programa de reforma agrária; pelos valores humanos que defende e as formas de luta que preconiza, fatores que os levaram a ele aderir, portanto, pela confiança que lhes despertara.

No envolvimento na preparação da luta pela terra, esses migrantes contribuíram para fazer emergir no estado, esse sujeito social e político – O MST, capaz de aglutinar no seu interior centenas de trabalhadores. Portanto, um sujeito não homogêneo, que representou para eles uma alternativa de enfrentarem os problemas da terra, de maneira conjunta, naquele momento.

Assim, na madrugada do dia 14 de agosto de 1995, centenas de trabalhadores ocuparam a Fazenda Aliança, localizada no município de Pedra Preta, região sul do estado de Mato Grosso, cujo acampamento que nela foi organizado, eles denominaram “Zumbi dos Palmares”.

Mediados por discursos do Movimento e de outras instituições e entidades, os trabalhadores tiveram sua cultura questionada em muitos de seus aspectos. Muitas normas, valores, princípios etc., foram sendo reelaborados. Outros, contudo, mantiveram-se.

Nesse processo, em que se fizeram e (re) fizeram sujeitos da luta e em luta pela terra, a luta pela terra, por meio das diversas formas que experimentaram, tornara-se para muitos dos trabalhadores uma ação legítima. Pois ela os colocava em busca de dignidade para si e para sua família, o que os levou a fazer diversos enfrentamentos, vividos não só conjuntamente, em relação ao proprietário da terra e os defensores de seus interesses. mas também, individualmente, em relação à sua cultura.

Diversas lutas foram feitas no processo de conquista da terra: os trabalhadores enfrentaram fazendeiros, suas entidades representativas,

organismos oficiais a seu serviço; lidaram com preconceito, discriminação, mas conquistaram também, aliados: partidos políticos progressistas, setores da Igreja Católica e de Igrejas Evangélicas; alguns professores e estudantes universitários; alguns sindicatos etc. Transgrediram normas; negociaram; ampliaram a consciência de direitos; desenvolveram valores humanitários; resistiram a artimanhas etc.

Cada um o fez de acordo com as suas possibilidades, vivenciando de maneira muito peculiar a sua inserção na luta, como é o caso de mulheres que dela participaram, que passaram a romper com papéis tradicionais que historicamente vêm desempenhando, situando-se no fazer político.

Na entrevista que fiz à época com um dos militantes ele tecera algumas considerações sobre a construção e o uso de fontes orais, e a finalidade a que elas atenderiam. Disse-me que considerava uma questão complicada estudar vivências de pessoas, porque muitas vezes algumas delas falam o que sentem, enquanto outras falam o que não sentem, o que faz com que quem as ouve coloque algumas coisas que valem a pena e outras não.

Devo dizer que, se ao entrevistado, é difícil selecionar o que ele considera importante ser dito no ato da entrevista, ao entrevistador também não é fácil selecionar o que vai compor o texto, porque lhe parece que nada pode ser deixado de fora. Afinal, como diz Walter Benjamin, “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.”²⁰⁹

Haveria então, um critério suficientemente, coerente que pudesse estabelecer o que dizer e o que omitir?

Coerente ou não, a verdade é que selecionamos das nossas fontes aquilo que responde às nossas inquietações, de acordo com a nossa visão de mundo – a qual também procuramos legitimar nas pesquisas que fazemos. É uma face da parcialidade com que lidamos. Selecionamos também, muitas vezes, o que não está em acordo com nossas convicções, para podermos negar os nossos opositores e reforçarmos as nossas posições. Em grande parte, há uma dificuldade de lidarmos com as diferenças, de estabelecermos uma relação dialógica com quem pensa diferente de nós, algo muito comum no ambiente acadêmico,

209 BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*. ensaios sobre literatura e história da cultura, p. 223.

onde somos mais afetos à desqualificação do outro, do que ao debate das idéias.

No estudo que fiz, efetivamente houve uma seleção do dito, e ela se pautou nas preocupações do início da pesquisa, preocupações estas significativamente norteadoras dos diálogos que deram existência às fontes orais utilizadas e à abordagem que construí.

Essas preocupações, portanto, acabaram por “enquadrar” as falas dos entrevistados no texto ao que me interessara, de certa forma, dizer desde o princípio.

Dessa maneira, os temas foram essencialmente definidos a partir de tais preocupações, faltando-me, talvez, uma sensibilidade maior para que os eixos temáticos de abordagem fossem construídos de uma outra maneira, neles se privilegiando mais o que os trabalhadores pareciam ansiosos que se registrasse, o que, possivelmente, eu não tenha conseguido fazer como almejavam. Nesse sentido, pode-se dizer que a dificuldade também fora metodológica.

Entretanto, em que pesem os limites reconhecidos na autocrítica feita após a elaboração da tese, experimento a satisfação de ter ousado caminhar por caminhos desconhecidos, iniciando novos aprendizados; de ter feito alguns enfrentamentos na construção de um conhecimento que tenho clareza da incompletude, esta que é uma das características da interpretação do vivido, sempre aberta a muitas outras possibilidades, que podem ser construídas a partir de outros olhares, de outras perspectivas.

Como os trabalhadores que tiveram princípios, valores, normas etc., questionados no processo vivido na luta pela terra, eu também passei por muitos questionamentos teóricos e metodológicos durante a elaboração da tese, diante de modelos que eu já havia internalizado. Foi um outro tipo de luta que fiz, que hoje me permite sentir um pouco mais preparada para lidar com o novo, com o diferente.

Nesse sentido, valho-me aqui do que diz José Carlos Souza, ao concluir o seu trabalho sobre a luta por moradia em São Paulo: “pensar este trabalho hoje é como ver um rosto com seus contornos, ainda que não de todo nítido, diferente daquela imagem inicial, indefinida, que mesmo o esforço de visão não tenha vencido o ‘embaçado’.”²²¹⁰

210 SOUZA. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*, p. 151.

Mas deixemos de justificar os limites do estudo e voltemo-nos para as possibilidades que nele encontrei.

Voltando às ponderações feitas por um dos militantes entrevistados, sobre o que se fala ao pesquisador, devo dizer que aprendi com esse estudo que o mais importante não é a veracidade do que os trabalhadores me contaram, mas sim, o que contaram de suas histórias, como as contaram e porque as contaram. O que me possibilitou reconhecê-los, também, como protagonistas em uma história-conhecimento que construímos juntos, que procurou retirá-los do anonimato historiográfico. Essa história se apresenta como uma possibilidade de perceber como eles ousaram organizar-se ao redor de certas necessidades, com certas expectativas, a fazerem certas buscas, através de certos níveis de consciência, de certos valores, de certos sonhos, de certa veneração, irrompendo de extratos sociais oprimidos, lutando contra a opressão e a exclusão.

Durante as entrevistas, assinali aos trabalhadores migrantes entrevistados aspectos da migração, da preparação e realização da luta pela terra, da conquista de um pedaço de chão e, neste, a organização de seus viveres, e eles lhes atribuíram inúmeros significados, fazendo-me compreender o que diz Alessandro Portelli, que a memória não é “apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações.”²¹¹

As significações às experiências por eles vividas em suas lembranças os fizeram emergir como sujeitos de suas histórias, falando de eventos que eu desconhecia, ou então dos eventos que eu pensava conhecer, mas que percebi que tinha um conhecimento limitado ao ouvi-los atribuírem a eles mais e novos significados.

O estudo que fiz não deixa de ser uma homenagem aos trabalhadores migrantes, pois ao utilizar as lembranças que eles me contaram, eu acredito, como Philippe Joutard, que a “melhor homenagem à memória dos vencidos é ainda fazer dela, uma história. Essa historicização da memória, em vez de enfraquecê-la, virá reforçá-la.”²¹²

211 PORTELLI. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História* 14, p. 33.

212 JOUTARD. *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos* In: Usos e abusos da história oral, p. 58.

No entanto, não se trata aqui de fazer uma homenagem à memória dos vencidos, mas à memória de lutadores pela terra, oriundos de extratos populares, contra membros e defensores de extratos hegemônicos.

Ao escrever uma história, como diz Alessandro Portelli, “*de uma multiplicidade de pontos de vista*”²¹³, pude sentir nas falas dos migrantes o imbricamento das condições objetivas e subjetivas de suas existências.

No entremear das falas ouvidas, lembrei-me novamente de Walter Benjamin, dizendo que “A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.”²¹⁴. Agoras que quando eu os ouvi emergiam de um passado vivido como migrantes; agoras fazendo parte, naquele momento, de um presente por eles vivenciado como tensão; agoras em que eles assinalavam um porvir, porvir que, de acordo com Marilena Chauí, Benjamin quer que cremos não como “um ponto objetivo previsível [...] mas que o porvir é possível, e o tempo, o que há de vir, pois nele cada momento conta porque é a porta estreita por onde poderá passar o Messias.”²¹⁵

Nas falas dos trabalhadores com quem conversei, passado, presente e futuro se mesclavam, interagiam, imbricavam-se. Nelas, apareceram outras temporalidades: o tempo vivido no estado de origem e na migração, no trabalho na roça e na cidade, do sonho com uma vida melhor, da vida em família, das tristezas, das angústias, das humilhações, dos aprendizados, das decisões, das mudanças, dos enfrentamentos, das conquistas, dos novos sonhos etc. Por intermédio de suas falas, eles iam dando a conhecer como se constroem com e através de contradições.

Conquistada a terra, pude perceber em suas narrativas que a luta não terminara, exigindo deles que a tornasse uma prática social cotidiana. Caso contrário, a reforma agrária não conseguiria avançar, pois ela carece de novas conquistas para que o viver na e da terra se torne efetivo.

No dia a dia na terra conquistada, nos viveres que os trabalhadores nela passam a organizar, coexistem novos hábitos, engendrados do aprendizado feito na luta, e costumes trazidos de modos de vida já

213 PORTELLI. *Tentando aprender um pouquinho*. Algumas reflexões sobre a ética na história oral In: *Revista Projeto História*, 15, p. 27.

214 BENJAMIN. *op. cit.*, p. 229.

215 CHAUI. Apresentação Os trabalhos da memória In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 33.

experimentados. Uma coexistência que nem sempre é pacífica, pois no cotidiano vivido emergem com maior nitidez projetos diferenciados, e, com eles, tensões, que vão delineando outros tipos de conflitos, com os quais passam a ter que lidar.

No estudo feito, alguns conflitos que emergiram nas falas dos trabalhadores foram situados, particularmente os que envolveram trabalhadores e militantes. Ao lidar com eles, vivi a preocupação citada por José Carlos Souza acerca “*da apropriação que pode existir da fala das camadas populares*”²¹⁶, e me debati com um desafio colocado por Yara Aun Houry aos pesquisadores ligados, de alguma maneira, aos movimentos, e que resistem em trabalhar as tensões internas a eles.

Para ela, a dificuldade sentida por esses pesquisadores, “compreensível em relação a um possível temor de fragilizar a organização e a luta, se encarada em sentido positivo, poderá conduzir a pistas interessantes, na identificação de forças latentes e de alternativas possíveis para o movimento.”²¹⁷

Por outro lado, debati-me com uma expectativa externada por um dos militantes entrevistados à época da pesquisa, que tem a ver com o que é apontado por Yara. Para ele, estudos como o que eu vinha fazendo poderiam representar uma contribuição às reflexões internas ao Movimento, dotando-lhe de condições mais viáveis ao desenvolvimento de ações mais exitosas.

Num universo conflitivo também para mim, como pesquisadora, que envolvia preocupações como a externada por José Carlos; desafios como o que é colocado por Yara, e expectativas como aquela que fora levantada pelo militante que mencionei anteriormente, eu me movi e procurei situar no texto que sistematizei diferentes dimensões de experiências vividas pelos migrantes ouvidos.

Nele, procurei trazer à tona muito do que foi dito. Certamente, muitas outras problemáticas poderiam ser sido abordadas. As que foram, além de se centrarem grandemente, nas lembranças dos militantes e de serem muito mais descritivas do que analíticas, ficaram carentes de uma maior reflexão, o que faltou também, sobre as formas e usos da memória e

216 SOUZA. op. cit. p. 154.

217 KHOURY. Narrativas orais na investigação da história social In: *Revista Projeto História*, 22, p. 86.

acerca dos diferentes estilos narrativos, perceptíveis nas falas dos trabalhadores entrevistados. Tudo isso decorreu das dificuldades que naquele momento eu não consegui transpor. O que não implica, a meu ver, que o caminho escolhido não possa ser continuado e, nessa perspectiva, por intermédio de uma exploração maior dos diálogos que são disponibilizados pelas fontes orais que construímos em nossas pesquisas.

À época em que finalizei a tese, deparei-me com alguns acontecimentos envolvendo denúncias recíprocas entre trabalhadores e lideranças do Movimento²¹⁸, que foram tornando públicas contradições que permeiam a luta, uma das grandes dificuldades que o MST passou a enfrentar no estado²¹⁹. Dificuldades decorrentes também, em certa medida, de maneiras inescrupulosas e sem ética com que tais acontecimentos, muitas vezes, foram tratados, particularmente por alguns meios de comunicação social.

Nesse sentido, como um indicativo para novas reflexões, finalizo o presente artigo com algumas considerações tecidas por Leonardo Boff.

Diz-nos ele:

Mas como surgem os movimentos? Surgem, seguindo a lógica da natureza, como resposta a situações longe do equilíbrio, caóticas e, por isso, em estado de instabilidade e de crise. De dentro desta convulsão, como que de repente, irrompem pequenos grupos, carismáticos, portadores de uma nova visão, de um novo entusiasmo e de uma nova proposta salvadora. Estes grupos vivem o que analistas sociais chamam de estado nascente. É um estado que faz nascer energias poderosas e decisões que refundam a sociedade e redirecionam a história [...] Juntos vivem uma experiência fundacional que lhes confere grande entusiasmo, vivem uma verdadeira conversão de vida e mudam de comportamento, diverso daquele do seu cotidiano [...] A participação vem de baixo, todos se sentem envolvidos, todos discutem, todos são ouvidos e o consenso emerge espontaneamente.

218 MST. Carta Cuiabá, 29 de outubro de 2001; Jornal A Tribuna, Rondonópolis, 27 de out./2001, p. A-4; 30 de out./2001, p. A-5.

219 Orientei duas pesquisas que abordam tensões internas ao MST – causas e desdobramentos no estado de Mato Grosso, que podem ser encontradas na Biblioteca do *Campus* da UFMT de Rondonópolis – MT, a saber: OLIVEIRA. *Dissidências ou diferenças: uma história de tensões internas ao MST*. Rondonópolis, MT: Departamento de História/ICHS/CUR/UFMT. Monografia de final de curso. 2006; MELO, Rita Aparecida de. *MTA: organização, estrutura e vivências na luta pela terra*. Rondonópolis, MT: Departamento de História/ICHS/CUR/UFMT. Monografia de final de curso. 2006.

Há grande generosidade de todos. Cria-se o movimento. Ele possui um mínimo da organização, fluida, mais pontos de referência valorativa que preceitos e leis a serem seguidas por todos [...] O movimento, porém, quando consegue triunfar e impor-se, muda de natureza. Vira instituição. E com a instituição entra a repetição, a rotina, a burocracia, a norma, a hierarquia de poderes [...] Mas como não podemos opor a flor com sua vulnerabilidade e sua evanescência ao fruto com sua solidez e sua permanência, assim também não podemos opor movimento e instituição. Ambos pertencem à história e à vida. Exigem-se e se completam mutuamente. Mas são diferentes e obedecem a lógicas distintas. O movimento visa a mudança e a instituição a permanência. O movimento representa a explosão do novo e a instituição a sua domesticação dentro da repetição e de uma seqüência serial [...] Esta dialética entre movimento e instituição ganha várias expressões como tensão entre o poder carismático e o poder burocrático, entre o elã vital e a estratificação, entre o movimento profético e a religião estabelecida, entre comunidade (onde cada um é conhecido pelo seu nome e tudo é compartilhado) sociedade (onde vigora o anonimato e as decisões são institucionais), entre enamoramento e casamento. Concretiza-se em subsistemas como os religiosos, os políticos, os pedagógicos, até a nível pessoal [...] Mas não basta manter o equilíbrio entre um pólo e outro. Excessivo equilíbrio equivale à estagnação e o absoluto equilíbrio, à morte. O equilíbrio deve ser dinâmico, sempre aberto a novas integrações [...] É dinâmico na medida em que a relação se estabelece, via de regra, a partir do pólo do movimento e não da instituição, a partir do carisma e não do poder. A razão reside nisso: é o movimento e o carisma que permitem a revitalização e a emergência do novo. Começar pelo pólo da instituição e do poder significa, em regra, emascular o carisma ou esvaziá-lo de sua espiritualização. Termina-se geralmente por fortalecer a ordem estabelecida. Ou se introduz apenas alguma reforma [...] Como transparece, o movimento e a instituição representa modos diferentes de sentir, se pensar, de avaliar e de existir. Diferentes mas complementares [...]

Ambos são igualmente importantes para a vida. Mas a sua importância e o seu valor devem obedecer a esta lógica: é a partir do movimento que se deve estabelecer a relação com a instituição. É a condição necessária para a sanidade e o dinamismo da história.²²⁰

Na tese que elaborei, implicitamente, está colocado como esses dois pólos – movimento e instituição – foram sendo construídos através de relações vividas por aqueles que deram existência histórica ao MST no estado.

Ao privilegiar os trabalhadores, retirando-os do anonimato, ouvindo o que tinham para me contar de suas histórias, optei por não enquadrá-los em categorias como “classe trabalhadora”, “massa”, “pobres do campo”, “proletarizados do campo e da cidade”, que homogeneizadoras, vêm encobrendo as diferenças que constituem esse Movimento, que se propõe pluralista.

Quicá, a abordagem construída na tese que elaborei -, que está centrada em histórias de sujeitos da e em luta pela terra, em que procurei vê-los no que são semelhantes, mas também, reconhecê-los como sendo diferentes entre si - possa ser um auxílio à compreensão da lógica dos dois pólos – movimento e instituição. Nesse sentido, ainda, dos conflitos e clivagens emergidas no interior do MST no estado de Mato Grosso, fazendo desses aspectos fontes de reflexão, as quais, compreendidas, permitam retomar a dinamicidade articuladora dos dois pólos. Uma condição sempre necessária à revitalização de um caminho de luta tal como é Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que tem se revelado, na minha avaliação, um caminho viável para milhares e milhares de trabalhadores sem terra, nesse País.

Referências

Fontes Orais

Para elaboração da tese, foram entrevistadas à época as seguintes pessoas: Eliseu Dias; José Waldir Misnerovicz; Luis Faria Ola; Maria (que pediu que mencionasse só o seu primeiro nome); Maria de Lourdes de Jesus Cardoso; Marli Farias Ola Barbosa; Nlson de Lima; Odilon Rodrigues dos Santos; Pedro Alves Fonseca e Valdir Correia.

220 BOFF. *O despertar da água: o diabólico e o simbólico na construção da realidade*, p. 93-7.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOFF, Leonardo. *O despertar da águia: o diabólico e o simbólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. Apresentação Os trabalhos da memória. In: Ecléa BOSI. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – formação e territorialização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- KHOURY, Yara A. Narrativas orais na investigação da história social. *Revista Projeto História* 22. História e oralidade. São Paulo: Educ, 2001.
- MST. Carta Cuiabá, 29 de outubro de 2001; *Jornal A Tribuna*, Rondonópolis, 27 de out./2001, p. A-4; 30 de out./2001, p. A-5.
- OLIVEIRA, Ozéas. *Dissidências ou diferenças: uma história de tensões internas ao MST*. Rondonópolis, MT: Departamento de História/ICHS/CUR/UFMT. Monografia de final de curso. 2006.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista Projeto História* 14. Cultura e Representação. São Paulo: Educ, 1997.
- . Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Revista Projeto História* 15. Ética e História Oral. São Paulo: Educ, 1997.
- SOUZA, João Carlos Souza. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo: Educ, 1995.
- THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981;
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979;